

SEXTA-FEIRA SANTA

18 DE ABRIL DE 2025

HEBREUS 4. 14-16; 5. 7-9

Observação: Este recurso homilético foi originalmente publicado no dia 15 de abril de 2022.

1 O CONTEXTO LITÚRGICO

O período preparatório da Quaresma atinge o seu ponto alto na Semana Santa, que inicia no Domingo de Ramos (ou Domingo da Paixão) e termina com a Sexta-feira Santa. A prática da celebração litúrgica ao longo desta semana evoluiu do Tríduo (*Triduum* - “três dias”), a Quinta-feira Santa, Sexta-feira Santa e Sábado de Aleluia (Véspera de Páscoa). Inicialmente observado em Jerusalém, o Tríduo antecede os 40 dias da Quaresma. À medida que um número crescente de peregrinos participava dos cultos em Jerusalém nesses dias, outros cultos especiais foram sendo adicionados ao longo da semana. Aparentemente sob a liderança de Cirilo, bispo de Jerusalém (350-386 a.D.), os locais históricos em Jerusalém e ao redor que estavam ligados à vida, morte e ressurreição de Jesus tornaram-se locais de cultos especiais para marcar os eventos da Semana Santa. Esses cultos ofereciam oportunidades para instrução catequética aos peregrinos que estavam em Jerusalém. Após visitarem os locais históricos relacionados à Paixão de Jesus Cristo e participarem das celebrações litúrgicas, esses peregrinos levavam essas experiências cúlticas para as suas congregações e territórios de origem. Desta forma, a prática das estações da cruz e dos cultos quaresmais se espalhou por toda a Europa e, posteriormente, aportaram no Brasil.

O culto de Sexta-feira Santa deveria ser mais reflexivo e austero, sem muitos requintes litúrgicos, todavia, sem melancolia fúnebre. O foco está na Palavra ou, mais particularmente, no cumprimento das promessas de Deus na morte de Cristo Jesus, que é o pagamento integral

pelos pecados do mundo. Sendo assim, há uma sensação de alegria contida na bondade e misericórdia de Deus, revelada nos eventos do dia. O hino “Ó Fronte Ensanguentada” (Hinário Luterano 88) é um hino recomendado não somente para o culto de Sexta-feira Santa, mas também serve como um tema orientador ao longo do dia. A leitura da Paixão segundo o Evangelho de João, seguindo uma tradição do século IV em Jerusalém, geralmente também é seguida nas Igrejas Luteranas, acompanhada do hino “Ó Cordeiro Inocente”. (Hinário Luterano 91).

2 LEITURAS DO DIA

2.1 Salmo 31

Um Salmo de Davi, escrito em algum momento quando ele estava passando por grandes dificuldades. Lutero lembra que esse é um Salmo de gratidão, oração e consolo, ao mesmo tempo. E aí, ele corretamente aplica o Salmo à pessoa de Cristo e aos seus santos, que são atormentados durante toda a sua vida, internamente por tremor e alarme, externamente por perseguição, calúnia e desprezo, por causa da Palavra de Deus, mas, mesmo assim são libertados por Deus de tudo isso e recebem a plenitude do conforto divino.

“Nas tuas mãos entrego o meu espírito...” (v.5). Em todas as adversidades, e em todos os perigos de morte, Davi coloca a sua vida - seu espírito - nas mãos do Pai celestial, o lugar seguro, seu refúgio (v.1), assim como o faz Jesus (Lucas 23.46) e posteriormente, Estevão (Atos 7.59).

2.2 Isaías 52.13-53.12

Esse é o último dos quatro cânticos do Servo em Isaías (42.1-9; 49.1-13; 50.4-11; 52.13-53.12), o Senhor sacrifica o Servo inocente por causa dos transgressores ignorantes e rebeldes, fazendo expiação por eles. Poucos lugares nas Escrituras descrevem a extraordinária misericórdia de Deus de maneira tão tocante como vemos nesses versículos.

Para nós, crentes do Novo Testamento, esta "visão de Isaías" (1.1) descreve muito bem como nos sentimos, quando em espírito nos juntamos à Maria e João, aos pés da cruz; e com tristeza penitente e profunda, concluímos que foram as nossas enfermidades e dores que cravaram Jesus no madeiro; ele foi traspassado por causa das nossas transgressões e esmagado por causa das nossas iniquidades, ele suportou o castigo que merecíamos e é por isso, que nossas feridas foram saradas e hoje temos paz com Deus (53.4-5).

Comentando sobre esse texto, Lutero diz que, “esta é a passagem mais importante sobre o sofrimento e a ressurreição de Cristo; dificilmente existe outra semelhante a ela. Por isso, devemos memorizar esta passagem, isso é o que o texto diz: Este Rei será glorioso, mas depois da sua morte. Isto indica que este Rei é diferente de um rei comum, uma vez que ele começará seu reinado após a sua morte.”

2.3 Hebreus 4.14-16; 5.7-9

Antes de fazer um breve comentário sobre a leitura assinalada, seria oportuno lembrar que o conteúdo de Hebreus está centralizado na pessoa e obra de Jesus Cristo. A carta inicia com uma maravilhosa declaração sobre a divindade de Cristo. Por meio de Cristo, Deus fez sua revelação suprema e final aos seres humanos. Cristo está muito acima dos anjos, que o adoram (Hebreus 1). Jesus Cristo também é o Filho do Homem, que sofreu e morreu por todas as pessoas, expiando assim seus pecados (Hebreus 2). Cristo é superior a Moisés (Hebreus 3), ele é nosso grande Sumo Sacerdote, superior também a Melquisedeque (Hebreus 4-6). Por meio de nosso novo Sumo Sacerdote, temos uma nova aliança, pois Jesus ofereceu a si mesmo como único e perfeito sacrifício pelos pecados- muito superior aos sacrifícios de animais no Antigo Testamento— obtendo assim, uma vez por todas, a nossa eterna redenção (Hebreus 7-10).

Há uma causa para temor santo na presença da promessa eterna de Deus (4.10); mas há ainda uma causa maior para a confiança (4.16). Em Jesus, o Filho de Deus, temos um grande sumo sacerdote, que se compadeceu das nossas fraquezas (4.14-15). Por meio de sua intercessão sacerdotal, o maravilhoso trono de Deus se tornou um trono da graça para nós, fonte da misericórdia e graça divinas para nos ajudar em tempos de necessidade (4.16).

Jesus é um verdadeiro sumo sacerdote, sendo escolhido dentre os homens para agir em favor dos homens, revestido de nossa humanidade, aprendeu a obediência humana pelas coisas que sofreu (5.1-3; 7.9). Mas ele também tem outra qualificação para o verdadeiro sacerdócio, o chamado Divino. Jesus é chamado, e nomeado por Deus (5.4-6); nomeado por Deus como sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (5.10).

2.4 João 18.1-19.42

O sofrimento e morte de Jesus na cruz, é tema familiar do cristão Luterano e por isso, não pretendo fazer um longo comentário sobre essa leitura. Na Sexta-feira Santa, o povo de Deus que frequenta o culto, quer lembrar (ou ser lembrado) do que o seu Senhor e Salvador Jesus fez por ele.

Pensando nisso, um comentário sobre João 18, seria de que Jesus sofreu e morreu não como mártir por uma causa nobre, mas como o Salvador cujo sacrifício expiou nossos pecados. A prisão do Filho de Deus revela até que ponto os seres humanos pecadores desejam removê-lo de suas vidas. Como no caso dos que acusaram Jesus, seres humanos pecadores são propensos a lidar injustamente com os outros. Jesus nos chamou para lidarmos honestamente uns com os outros. O amor de Cristo é maior que o nosso pecado, e com seu perdão ele restaura nosso coração partido e ferido. Deus quis que a culpa do pecado fosse colocada em seu Filho inocente para que nós pudéssemos receber o perdão de Deus.

Sobre João 19, podemos dizer que todos nós, em virtude de nossa participação no pecado de Adão (Romanos 5.12), somos responsáveis pela morte de Cristo. A morte não é apenas um processo natural, parte do ciclo da vida, como muitos querem afirmar; mas sim, o justo castigo de Deus por causa do pecado (Romanos 6.23). No entanto, Jesus morre não

porque pecou, mas porque veio para suportar o castigo do pecado em nosso lugar. Que o Filho de Deus se torne um cadáver e seja sepultado parece ofensivo e até escandaloso para a razão humana. Mas o sepultamento de Jesus proclama a profundidade da completa humilhação de Cristo por causa de nossa salvação. Como Maria e João, também nos tornamos membros da família de Jesus pela fé. Da cruz, Jesus reinou com amor pelo mundo, e agora, ele reina no coração daqueles que o amam.

3 SUGESTÃO HOMILÉTICA

Como disse acima, as pessoas que participam do culto na Sexta-feira Santa, querem lembrar (ou serem lembradas) do que o seu Senhor e Salvador fez por elas. Certamente as leituras bíblicas recomendadas para esse dia, têm muito a oferecer, a nossa tarefa como pregadores é apontar para a cruz, e como João Batista, dizer “eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.” (João 1.29)

Baseado no que foi discutido acima, o texto de Hebreus proporciona ao pregador uma oportunidade para falar sobre o tema, Jesus, nosso **Grande Sumo Sacerdote**.

I – Jesus se compadece de nós como nenhum outro.

A. Ele conhece as nossas fraquezas (4.15).

1. O sacerdote no A.T. podia se compadecer com as pessoas em suas fraquezas, porque ele mesmo tinha as suas próprias (5.2).
2. Embora Jesus jamais tenha pecado, ele também foi tentado. Ele também sentiu a sedução do poder, glória e honra.
3. Jesus sabe quão severas as tentações podem ser para nós.

B. Ele conhece os nossos sofrimentos.

1. No Getsêmani e no Calvário Jesus suportou sofrimento muito maior do que o suportado por qualquer sacerdote do AT ou qualquer outro antes ou depois dele. (v.7; Mateus 26.39, Lucas 22.44-45).
2. Ele implorou a Deus para ajudá-lo e então foi obediente à vontade do Pai.
3. Não importa o tipo de sofrimento que tenhamos que passar– espiritual, mental ou físico– podemos ter certeza de que ele se compadece de nós antes que seja tarde demais (Hebreus 4.16).

As tentações que Cristo enfrentou e o sofrimento que ele suportou culminaram na cruz.

II – Jesus ofereceu um sacrifício que nenhum outro poderia ter oferecido.

A. Foi um sacrifício para acabar com todos os sacrifícios.

1. O sacerdote no AT tinha que oferecer sacrifícios continuamente por seus próprios pecados e pelos do povo (5.3).
2. Cristo se ofereceu como sacrifício não por seus próprios pecados, mas pelos nossos pecados (7.26-27). Sua ressurreição e ascensão provam que seu sacrifício foi perfeito e aceito pelo Pai (4.14).
3. Não necessitamos fazer nada para pagar pelos nossos pecados. Cristo cuidou do pecado de uma vez por todas na cruz.

B. Seu sacrifício é a fonte da salvação eterna.

1. O próprio Deus nomeou Cristo para ser um sacerdote cujo sacrifício é eternamente válido.
2. Ele é a fonte de salvação para nós, desde que lhe obedecemos, ou seja, creiamos nele como nosso grande sumo sacerdote (5.9).

Às vezes, Deus pode parecer distante de nós, em nosso pecado, tentação e sofrimento. No entanto, sabemos que Jesus é o nosso grande Sumo Sacerdote, cuja compaixão nos sustenta e cujo sacrifício nos renova.

Professor de Teologia Prática

Deão de Formação Ministerial Urbana e Transcultural

Concordia Seminary de St. Louis.